

Trocar de Tudo

Liberto Cruz

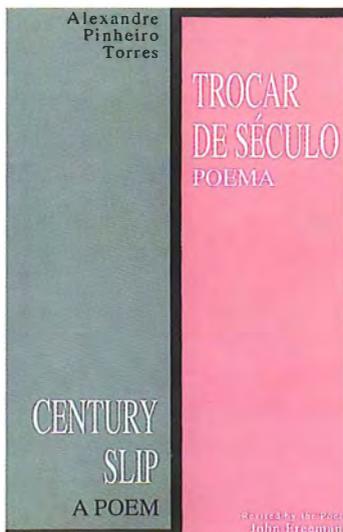
MACAU FEZ SEMPRE PARTE DO MEU IMAGINÁRIO. Desde os bancos da escola primária que sinto uma estranha atracção pela palavra Macau, facto que ainda hoje não consigo explicar. Seria a sonoridade da palavra? Seria por me terem dito que o território ficava lá para os orientes? Ou seria ainda por um vizinho meu ter partido para Macau e nunca mais ter voltado, abandonando mulher e filhos, enfeitado que fora por uma bela chinesa?

As leituras da adolescência, os filmes que vi, os relatos fantásticos de alguns viajantes, o mistério dos fumadores de ópio, os costumes exóticos, os casinos abertos a toda a gente (e tão censurados entre nós) só serviram para aumentar o meu entusiasmo por tão longínqua, inefável e secreta península. Uma terra que estava situada no estuário dum rio de pérolas tinha, por força, de ser diferente, de ser magnética e de ser susceptível de envolver qualquer aventureiro ainda que pacato e comum.

Aprendi com Álvaro de Campos que é do Oriente «*donde vem tudo*»¹. Camilo Pessanha, Luís Gonzaga Gomes, Ernesto Leal, Deolinda da Conceição, Maria Ondina Braga, Ana Maria Amaro, Senna Fernandes, Montalto de Jesus e Charles Boxer, entre outros escritores e estudiosos, não só me conseguiram confirmar o sortilégio macaense como me fizeram aumentar o desejo antigo de poder visitar e demorar-me por Macau.

Mas há sonhos, melhor, a maioria dos sonhos costuma ser decapitada à sua nascença. Os deuses, porém, permitiriam que este sonho viesse a ser concretizado.

Visitei Macau, pela primeira vez, nos começos da última década do nosso século. Foi sem surpresa que a percorri. Era há tanto tempo minha que não tinha possibilidades de me desiludir. É certo que fui encontrá-la já desfigurada, numa postura diferente, com grandes e, por vezes, imperdoáveis alterações de ordem urbanística mas, com a idade, as terras e as gentes, como é sabido, tanto podem atingir a tontaria como a



Em 1993, Alexandre Pinheiro Torres deslocou-se a Macau em missão de estudo. Dessa viagem e permanência resultou um poema sugestivamente intitulado *Trocar de Século*.

sublimação. No caso presente diria que ora seguem juntas, ora se entrecrocaram e ferem, e ora se ignoram e condescendem, como se defrontam e defendem. Um misto de loucura e grandeza, de serenidade e agressão, de paixão e desleixo, de religiosidade e indiferença, de inveja e despreendimento, de ganância e generosidade, parece ser o manto diáfano e envolvente da fantasia de Macau. No fim de contas, não nos devemos admirar com tão diverso e fogueiro clima. Afinal, não foram muitas destas qualidades e destes defeitos que nos levaram a embarcar nas caravelas à descoberta e ao povoamento de outros mundos?

Muita gente se interroga hoje sobre o que em Macau ficará da nossa maneira de ser e de estar no mundo, após a sua passagem para a administração chinesa. Só num futuro, que tanto pode ser próximo como longo, se possa, talvez, vir a responder aos eventuais interessados. De qualquer forma é necessário não esquecer, e ter em conta, que uma outra história, numa nova era, vai começar em Macau a partir do ano 2000. História de que não seremos cronistas nem tão-pouco as personagens principais.

Das minhas viagens não poderei dizer, todavia, como Camilo Pessanha, que «vi a luz em um país perdido»². E porquê? Porque, quem sabe, talvez nas minhas rápidas passagens por Macau eu caminhasse já alumiado, não tendo portanto necessidade de deslizar sem ruído. Mas quem está livre de, a qualquer momento, poder cair e não se levantar?

Deixemos aos deuses, ciosos e secretos, a possibilidade de nos responderem. Para nós, mortais, Macau será sempre o que poderia ter sido.

Em 1993 Alexandre Pinheiro Torres, recentemente falecido, deslocou-se a Macau em missão de estudo. Dessa viagem e permanência resultou um longo poema sugestivamente intitulado *Trocar de século*³. Constituído por 41 poesias, foi escrito na Casa Garden de 22 de Março a 12 de Abril. Este trocar de século proposto pelo poeta é

também um trocar de continente e ainda, e uma vez mais, um trocar de ilha. Como disse acertadamente Eunice Cabral no prefácio ao livro *A Flor Evaporada*, «a ilha constitui um tema recorrente na poesia do autor»⁴, isto é, Alexandre Pinheiro Torres. Com efeito desde a Póvoa de Varzim, «uma ilha desterrada», até São Tomé, «a terra do pai», passando pela Grã Bretanha, «a ilha do exílio voluntário», só lhe faltava conhecer Macau, «a ilha onde se ia trocar de século». Antecipadamente anuncia, da esta troca é feita numa ilha que «é uma fábrica de bruma»⁵ onde o sistema leva, com frequência, a apostar «sempre em cavalos vagarosos»⁶.

É surpreendente o modo como Alexandre Pinheiro Torres adere à vivência macaense e a consegue transmitir. Assumindo uma experiência que dir-se-ia interiormente vivida e com uma prática que surge anterior aos acontecimentos, posição só reservada aos poetas maiores, o autor elabora um relato que mais não pretende ser que a sua versão pessoal das coisas e das pessoas claramente vistas em Macau. Uma versão apaixonada, é certo, mas equilibrada, atenta e imparcial. Uma versão de quem não ignora a problemática das ilhas. Problemática onde tomam assento as frustrações, anseios, medos, desconfianças, limitações, sucessos, êxitos, raivas e coragens. Uma ilha, como qualquer outra, habitada por seres humanos que foram e serão sempre, através dos tempos, os dignos heróis do passado, do presente e do futuro.

O itinerário traçado, as diversas falas ouvidas, os sonhos revelados, as imagens que projecta, os homens e as mulheres contactados e a visão das vidas por outros vividas, são um programa aliciante que, pouco a pouco, se agarra e adere ao poeta. Perseguido e quase dominado pelos factos, o autor absorve e é absorvido simultaneamente pelo real e pelo irreal de Macau. Resulta daí uma muito bela crónica poética onde o concreto e a lucidez sobressaem sem que haja a mínima agres-



Constituído por 41 poemas, *Trocar de Século* foi escrito na Casa Garden, entre 22 de Março e 12 de Abril.

sividade ou intolerância. Alexandre Pinheiro Torres reconhece, aliás, com singeleza, que todos os elementos humanos ou não, que ele vê, lhe estão, afinal, «*junto aos olhos como óculos*»⁷.

Reforçado por esta dupla visão e sabendo que «a vida ganha sempre ao jogo»⁸, é no constante mistério das coisas e das gentes que o poeta, todo o poeta, deve insistentemente procurar a sua via. Assim procedeu em Macau o autor de *Trocar de Século*.

Lembrando Jorge de Sena, que num dos seus poemas fala do fantástico Minotauro, «coisa grega muito longe destas ilhas»⁹ macaenses, Alexandre Pinheiro Torres aproveita para perguntar com subtileza e arrojo:

*não é justo que nos atrevamos
a visioná-lo neste labirinto,
bem lá no fundo dele,
à espera de nos engolir?*

*Para quê levantar altares
apenas a mistérios diminutos?*¹⁰

É neste labirinto de sobrevivências, e «quando parece que já nem sequer sonhamos»¹¹, que nos vamos preparar para trocar de século e esperar para ver como se procede à troca de um lírio por uma flor de lótus. Segundo Alexandre Pinheiro Torres (confiante ou céptico?) estas duas flores, o lírio e o lótus, trocam cartões «convencidas que o destino sempre as reunirá de novo»¹².

¹ In *Dois excertos de Odes*.

² In *Clepsidra*.

³ *Trocar de Século*, Macau, Instituto Português do Oriente / Fundação Oriente, 1995.

⁴ *A Flor Evaporada*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, p. 17.

⁵ In *Trocar de Século*, p.7.

⁶ *Idem*, p. 7.

⁷ *Idem*, p. 21.

⁸ *Idem*, p. 23.

⁹ *Idem*, p. 35.

¹⁰ *Idem*, p. 35.

¹¹ *Idem*, p. 61.

¹² *Idem*, p. 89.